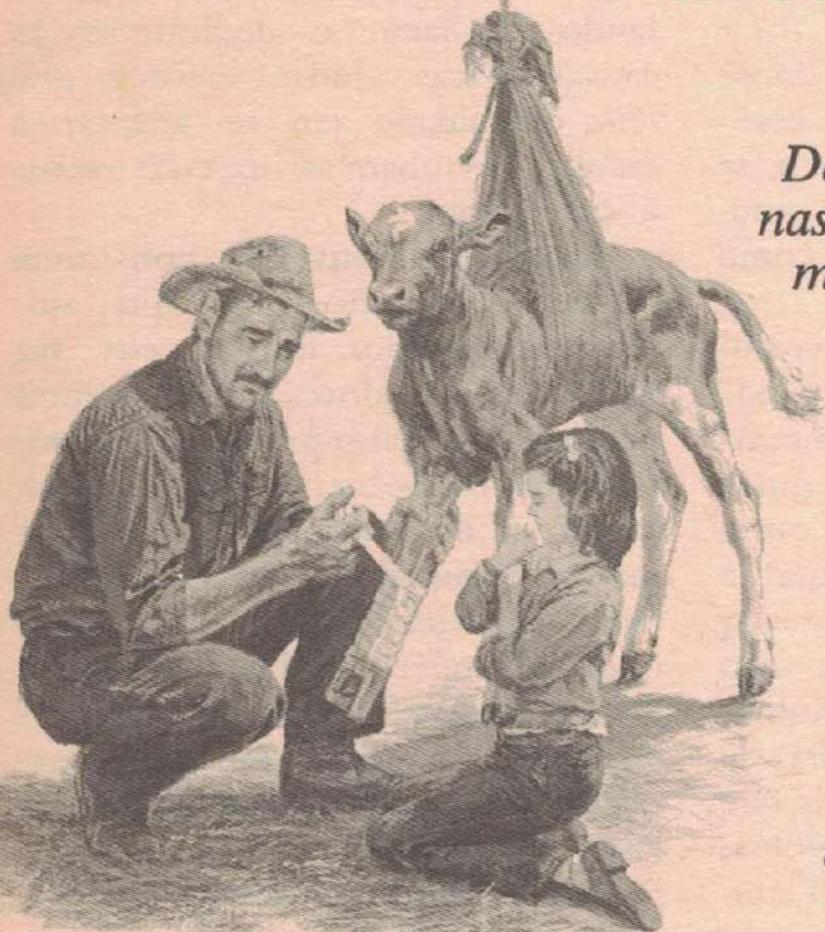


# O Verão da Bezerra Ferida

*Daquela perda amarga  
nasceu uma compreensão  
maior — e mais amor*



*Condensado de* PITTSBURGH PRESS  
DOROTHY ROOD STEWART

**N**O VERÃO dos meus sete anos, eu cresci quase oito centímetros — como erva daninha, dizia meu pai. Foi também naquele verão que nasceu a bezerra, a primeira cria da nossa nova fazenda.

«Espere mais um pouco», disse o meu pai. «Num instante, teremos um rebanho inteiro. E água corrente no banheiro para mamãe. E um piano para você tomar lições.» Ele suspendeu-me bem alto e ba-

lançou-me, enquanto eu esperneava, gritava e agitava os braços. Mas eu não tinha medo — com papai me segurando. Ele era tão grande e forte. Eu sabia que não me deixaria cair.

Qualquer coisa que ele dissesse ou fizesse estava sempre certo. Eu preferia ficar com ele a brincar com minhas bonecas ou mesmo ficar escutando mamãe ler *Cinderella*. Seu bigode me fazia cócegas quando respirava no meu pescoço

e ele cheirava sempre a tabaco. Gostava muito dele. Quando vivíamos na cidade, ele passava o dia inteiro fora, no escritório; aqui, na fazenda, eu podia andar atrás dele de manhã à noite.

A bezerra nasceu no último dia de aula, naquele mês de junho. Quando cheguei a casa, lá estava ela no estábulo, a linda bezerrinha nova, as pernas vacilantes, agarrada à sua mãe. Dei um grito de alegria e corri para ela, mas papai me deteve.

«Pare aqui e olhe só», disse ele. «Não é uma gracinha?»

«Posso escolher o nome dela, papai?»

«Claro que sim.» Ele tirou o largo chapéu de palha e passou a mão no vinco vermelho da testa. «Ela tem uma beleza de estrela branca entre os olhos, não é?»

«Então vai-se chamar *Estrela*.»

Escolher o nome para um animal, parece que ele fica sendo nosso. Todas as manhãs, depois do café, eu descia correndo a pequena ladeira até ao estábulo para olhar *Estrela* brincando com a mãe. Não tardou muito que ela me conhecesse e esfregasse o focinho úmido e lustroso na minha mão. No começo, quando ainda era pequena, eu tentei carregá-la. Mas, quando foi apartada da mãe, estava tão crescida que, ao dar-lhe a ração de leite com farelo, já tinha de fazer força para que ela não me arrancasse o balde das mãos.

*Estrela* tinha quase três meses de idade quando quebrou a perna. Fui eu que a encontrei, meio deitada de lado, com a pata presa numa fenda

entre duas pedras enormes. Papai tirou-a dali e pediu a um vizinho que viesse vê-la.

«Com a pata quebrada, não aguenta», disse o Sr. Hansen. «O melhor é abatê-la e aproveitar a carne.»

Meu pai recusou, balançando a cabeça: «Vou tentar salvá-la.»

Ao ouvi-lo, o meu coração bateu aliviado. Certamente que daria um jeito na perna de *Estrela*: ele consertava tudo que quebrava. Não conseguira deixar novo o meu carrinho de boneca, mesmo depois que as rodas caíram? Papai fez uma espécie de rede com um saco de estopa e uma roldana, que suspendia *Estrela* até seus cascos mal tocarem o chão. Amarrou a perna quebrada entre duas estreitas talas de madeira. Depois deu-lhe uma papa de farelo, mas ela nem a tocou.

«Está com dor e com medo», disse ele. «Experimente de novo daqui a pouco, Dorothy.»

Nem de mim ela aceitava o comer. «Oh! *Estrela*», disse-lhe eu, «papai vai curá-la. Você ficará boa.» Mas, quando passava os braços ao redor do seu pescoço, ela recuava.

Várias vezes naquele dia, no outro e no seguinte, fui vê-la no estábulo. Mas *Estrela* só quis beber um pouco de água. Estava suspensa naquele ar poeirento do estábulo, seu focinho macio cada vez mais seco e quente, a luminosidade dos olhos escuros apagando-se aos poucos.

Uma noite, ouvi papai e mamãe falando baixo na cozinha. Eu estava na cama, e devia estar dormindo.

«Não adianta, querido», ouvi mãe dizer, «acabe com o sofrimento da pobre coitada.»

A voz do meu pai parecia cansada. «Sim», murmurou ele, «acho que não tem outro jeito.»

«Então faça logo», segredou minha mãe, «enquanto Dorothy está dormindo.»

Já tinha visto papai carregar o revólver e conhecia o ruído dos cartuchos entrando no cilindro. Lembrei-me também do dia em que matara uma doninha que andava comendo galinhas. Ele puxou duas vezes o gatilho, explicando depois a mãe e a mim: «Fiquei com medo de tê-la apenas ferido da primeira vez. Queria ter a certeza de ter acabado logo com o sofrimento da diabinha.» Em seguida sorriu para mim. «Os animais não se importam de morrer, Dorothy, se você liquidá-los o mais rapidamente possível.»

Quando ouvi a porta fechando suavemente, saltei da cama. À luz clara do luar, vi papai descendo lentamente em direção ao estábulo. Esperei até que abrisse o portão, e descí correndo, segurando a camisola com as mãos para não arrastar na terra. Não tinha uma idéia exata do que ia acontecer. Sabia apenas que, naquele momento, queria estar ali, junto com papai.

Quando olhei pelo portão, ele tinha aceso uma lanterna e a colocara sobre uma barreira perto de onde *Estrela* estava suspensa naquela espécie de tipóia. Tinha o revólver na mão direita. Não, papai! Mas só

pensei, não se chegou a ouvir nenhum som. Sentia-me gelada e hirta como uma estátua.

Papai apontou o revólver à cabeça de *Estrela* e disparou. Ela teve um ligeiro arrepio e fez como se afastasse uma mosca. Ouvi a respiração arquejante de papai. Atirou novamente. *Estrela* abanou o rabo e moveu de leve uma das pernas.

«Meu Deus!» gritou papai. «Que está acontecendo?!» Desesperado, disparou as quatro últimas balas tão rapidamente que o estábulo inteiro parecia explodir com o barulho. Dos caibros do telhado caía poeira sobre a luz da lanterna, e eu vi correr um tênue fio escuro do sangue de *Estrela*.

Papai cambaleou até ao portão aberto e só então viu-me e gritou: «Dorothy!» A voz era rouca, como se estivesse resfriado. Cambaleante, ele agarrou-se à trave do portão e sentiu-se mal.

Eu nem pensei na perda de *Estrela*, não naquele instante. Procurava compreender papai. Nunca o tinha visto assim, e pensei: «Quando estou preocupada com alguma coisa, ele sempre me conforta.» Abracei-me a ele, segurando-o com os braços o mais alto que alcançava. «Vamos, vamos, papai», disse-lhe. «Eu estou aqui.»

Ouvi-lhe a respiração no peito, como um soluço. E compreendi que nunca mais ele seria exatamente o mesmo para mim, tão invencível, tão super-homem.

Mas senti também que nunca o amaria mais que naquele instante.

# "Entre Aspas"

QUANDO você encontrar alguém que seja desagradável para os outros, pode ficar certo de que essa pessoa não está satisfeita consigo mesma; a intensidade da mágoa que causamos ao próximo é diretamente proporcional ao sofrimento que sentimos dentro de nós mesmos. — S. J. H.

A SABEDORIA chega com a idade, mas não ajuda muito, pois a humildade costuma instalar-se nessa mesma época. — B. V.

TODOS gostaríamos da fama de generosos e todos gostaríamos de adquiri-la barato. — M. M.

HÁ POUCOS ANOS, adolescência era uma fase; depois, tornou-se uma profissão; hoje, é uma nova nacionalidade. — D. B.

Os JOVENS são sempre o único futuro que a raça humana tem. — William Saroyan

É IMPOSSÍVEL derrotar um ignorante numa discussão. — W. G. M.

GÊNIO é aquele que atira num alvo que ninguém mais vê e acerta. — T. L. D.

AOS OLHOS de uma criança, as maravilhas do mundo não são sete. São sete milhões. — W. S.

SÓ QUANDO OS assuntos não lhe interessam pode alguém dar uma opinião realmente imparcial a seu respeito; o que é sem dúvida a razão pela qual uma opinião imparcial não vale nada. — Oscar Wilde

NEM só de pão vive o homem. Um pouco de «manteiga» é bom de vez em quando. — M. R.

NOSSAS preces são atendidas não quando recebemos o que pedimos, mas quando somos desafiados a sermos o que somos capazes de ser. — M. A.

GERALMENTE, as palavras «informação» e «comunicação» são empregadas como sinônimos, mas têm significado bem diferente. Informar é «transmitir», ao passo que comunicação é «fazer chegar». — S. J. H.